

EDUCAÇÃO: O MAIS IMPORTANTE PROBLEMA — 3

Pelo Prof. DELFIM SANTOS

É O CONTRÁRIO que tem acontecido. A partir de considerações utilitárias tem-se dado a todos os graus de ensino um sentido prático mas não esclarecido do rendimento escolar. Fala-se de cultura desinteressada, de humanidade, mas tudo isto se vai substituindo por disciplinas cujo conteúdo corresponde a interesses práticos, a colheita de resultados, a informações, como se os que frequentam o liceu estivessem prestes a ocupar-se profissionalmente. Ao erro de convidar os professores a elaborar os próprios programas das suas disciplinas, quando não se comete o erro maior de os dispensar e substituir pelas ideias preconcebidas de qualquer um que nesse momento o pode fazer anonimamente, acrescenta-se outro não menos importante e não menos maléfico que é o de a partir de considerações quanto ao desenvolvimento social no plano da indústria, no plano do fomento, no plano económico, de fora para dentro impor ao escolar o estudo dessas mesmas disciplinas orientadas pelo prisma restrito das convicções individuais da pessoa que a si própria se escolheu para promulgar mais uma reforma do ensino. Ora, tudo isto é o contrário do que deveria acontecer. As disciplinas não têm valor em si, elas só valem pelas aptidões que despertam, pelas capacidades que acordam e é precisamente em função deste seu possível valor que devem ser integradas no plano de estudos. Tal disciplina é agente de desenvolvimento de raciocínio, outra de imaginação, outra de expressão, outra de observação, outra de compreensão e é por estas suas qualidades implícitas que devem ser escolhidas para desenvolver a multiplicidade de as-

pectos que constitui a personalidade escolar. Não se estuda matemática porque a matemática é muito importante mas sim porque a matemática desenvolve certos aspectos de raciocínio importantes na formação dos jovens. O mesmo se deverá dizer da história, da língua pátria, das ciências físicas, da geografia, do desenho, dos trabalhos manuais, etc., para citar aquelas que parecem indispensáveis num plano de estudos liceal que sirva convenientemente a preparação para os estudos superiores que vão seguir aqueles que o frequentam.

Enquanto tal se não fizer, enquanto as disciplinas forem escolhidas por quaisquer outros critérios, continuaremos a desfigurar o ensino liceal e a prejudicar a cultura universitária. Este problema que não é novo merece contudo, em função da experiência histórica do ensino, ser retomado e convenientemente esclarecido. De outro modo estamos a admitir como disciplinas fundamentais aquelas que assim foram consideradas no século XVIII e com boas razões para esse tempo, mas talvez com maus resultados para este tempo de dois séculos mais tarde. Não é preciso indicar o que hoje melhor se sabe acerca da estrutura da mentalidade da criança e da sua génese para considerarmos pelo menos estranho que apesar de todo este progresso as coisas continuem como dantes e, na verdade, pior ainda. Que pretende propriamente o ensino liceal desenvolver no aluno? Ninguém, talvez, poderá responder a esta pergunta, pois a mais corrente das respostas julga que a missão deste ensino consiste em dar conhecimentos, em lhe aumentar a bagagem na expressão infeliz que tanta vez se

repete. Ora não é para adquirir conhecimentos que o aluno está no liceu, mas sim, para através e em função desses conhecimentos desenvolver o melhor possível as capacidades que há pouco nos referimos. E chegámos a um problema da maior importância que tem sido ventilado nos nossos dias. Organização de um tronco comum, ou estágio de orientação que todos os alunos saídos da escola primária deveriam frequentar. Muitas vezes defende-se a criação desse tronco comum por a todos ser necessário dar uma cultura comum. Mas não parece que isto venha modificar para melhor a nossa organização dos estudos. Importante é, de facto, que se termine com a nossa escola primária tal como ela está organizada, que se acabe com uma obrigatoriedade de ensino que já foi aumentada em todos os países mas que continua em Portugal reduzida com muita vergonha para nós. Não se aumenta a escolaridade improvisando formas de ensino sem antes formar o respectivo pessoal docente. O aumento de escolaridade não é única e simplesmente um problema administrativo mas sim um problema pedagógico que exige alteração do que está antes e do que vem depois para que tenha algum valor.

Que pretendemos nós que seja possível conseguir com um plano convenientemente organizado? Nas primeiras fases do ensino escolar o único propósito que devemos ter em vista é preparar o aluno para entender o mundo à sua volta, para entender os outros e para que se possa por estes fazer entender. Esta é a tarefa do ensino pré-primário e do ensino primário elementar. No ensino

(Continua na pág. seguinte)

BILHETES FALSOS...

Quando ultimamente li nos jornais as notícias do aparecimento de bilhetes falsos para desfilas do Benfica, um na Luz, outro no Estádio das Antas, contra o Futebol Clube do Porto, essas emissões de via reduzida lembraram-me três histórias com falsificadores: Um deles era um serralheiro — torneiro da Porcalhota; outro o Silva Santos, o mais notável artista no seu género; o terceiro — não sei quem era...

O serralheiro-torneiro (que por sinal era coxo) habitava e trabalhava perto do Retiro do Calção (o seu dono foi o meu padrinho de baptismo), que ficava em frente da Escola Oficial onde em 1909 recebia a instrução primária. Sempre que estava atrapalhado de dinheiro, «fazia» nitêns, que depois aperfeiçoava com uma lima e metia num banho para lhes dar a aparência de usados. Um precursor de certos «antiquários» de agora...

Del entrava várias vezes no Límoeiro, e entre os hóspedes «permanentes» que li encontrava, contava-se o Silva Santos, o mais habilidoso imitador de assinaturas, que até no Palácio dos Condes de Andeiro tinha clientela... Consultei-o, por intermédio doutra pessoa — visto que eu me encontrava no grupo A e ele no grupo B — sobre se estava disposto a fazer um cunho para um selo dum retrato de D. Duarte Nuno de Bragança, então com um alcaide do seu fato à matrujo, e chegámos

a acordo. Um belo dia vieram trazer-me uma prova excelente da respectiva gravura; mas, tendo pago o que combinava, nunca mais vi o zinco. É que, como a emissão de selos era para venda aos integralistas, a favor da sua Bolsa de Propaganda, o Santos, que estava pronunciado por diversas falsificações importantes, tratou de fazer desaparecer o cunho, não fosse juntar a tantas acusações mais uma: a de cúmplice da propaganda monárquica...

1940. A guerra, que terminara em Espanha, deslocara-se para grande parte da Europa. Aproveitando a Semana Santa, resolvi ir a Sevilha; levei pessoalmente a Franco o meu livro «Quem vem lá», constituído por reportagens da tragédia espanhola e da minha última visita à Alemanha.

Como velho «arçifonado» levantei-me cedo naquele domingo, não fosse espatar-se a lotação da «Real Maestranza», e dirigi-me a uma agência de venda de bilhetes que existe numa das «calles» que desembocam na «Plaza de San Fernando». As portas, porém ainda estavam fechadas, e um sujeito já de idade, bem-posto, informou-me de que a agência só abria às 10, perguntando-me, ao mesmo tempo, o que eu pretendia e oferecendo-me uma bancada geral de sombra. Paguei-lhe o bilhete e o seu lucro de recendedor e ainda lhe dei duas pesetas «pa um puro!... Entretanto, encontrei um jovem fidalgoo que eu conhecera na fren-

te de Madrid e com quem fui almoçar uma «tortilha de setas» (coquimelos). Despachada a primeira dose, o meu companheiro deu-me esta coportuna» informação:

— «Si una de ellas es venenosa, basta para matar un batallón».

A réplica foi rápida:

— «Pue vamo a otra!»

Daii dirigi-me à praça de touros e sentei-me no meu lugar, que ficava sob o camarote no qual Franco, Queipo de Llano e outras autoridades superiores assistiram ao espectáculo.

Eis sendo quando um casal espanhol muito distinto se dirige a mim e me pergunta se eu estou no meu lugar. Mostro o meu bilhete, mas ele demonstra-me documentalmente que tem a assinatura daquele lugar e do que fica ao lado. Chamado o arrumador, este concluiu logo que o meu bilhete era falso. Expliquei-lhes como o adquirira, mostrei a minha documentação de redactor do «Diário de Lisboa» e do «ABC» de Madrid — e isso evitou-me aborrecimentos e prejuízos — o primeiro dos quais seria não ver os touros.

O arrumador foi compreensivo: — «Sientese usted donde pueda...» E eu não estive com melas medidas: escarranchel-me num dos muros do «plató de caballos» — e dali assistí, pela última vez, a uma corrida de touros, a sério...

FÉLIX CORREIA

Nota do dia

CAVALEIROS DA LUA

POR MAIS VOLTAS QUE A GENTE DÊ, por muito que se queira pensar primeiro à dimensão de penates, por muito pouco que se queira aqui tomar para tema o que se passa fora de portas, há uma actualidade que mata todas as outras e faz títulos de palma e melo nos jornais das sete paridas do mundo: a viagem dos três astronautas americanos à volta da Lua. É de trazer a boca aberta, excepto para aqueles (parece que alguns poucos) americanos que telefonaram irritados para a televisão lá da terra por ter interrompido a emissão de um jogo de «baseball» para dar as imagens estonteantes dos três navegadores do espaço na sua circulação em torno do nosso satélite das pálidas madrugadas. «faltava mais nada, hem! E então o «baseball»?

Primeiro aspecto a considerar é de uma espécie de solidariedade universal, admiração incondicional e generalizada pelo grande feito, tão grande que ninguém se sentiu atraído, como é costume em emergências tais, em limitar as suas apreciações por considerandos de teor político. Até os russos, habitualmente tão restritivos às façanhas americanas quanto os americanos em relação às empresas russas, acudiram prontos a dizer que estariam a postos, como bombeiros de prevenção no seu quartel, para mandar um foguetão de pronto-socorro no caso de se avariar no espaço a nave estadunidense. Toda a gente pôs os olhos naquilo a desejar-lhe boas-festas e muitas felicidades.

Depois é o passo, pelo milagre da técnica. Que extraordinária, que prodigiosa organização é preciso ter montado para se atingir um resultado tal! E o rigor dos rigores, onde o desvio de um milímetro nos cálculos pode lançar tudo no desperdício da viagem sem regresso. Claro que há os três homens, cujos nomes e cujas faces o mundo inteiro vai fixar como de três heróis. Claro que há. Mas para se chegar até aí, o que foi preciso fazer? Quantos milhares de cientistas e técnicos trabalharam no projecto? Quantas pessoas prepararam e acompanharam, na excitação dos gabinetes e laboratórios, o lançamento dos três protagonistas do episódio que neste instante já entrou na História?

O que é preciso entender é isso mesmo: que para se atingir este momento de exaltação universal, para se atingir esta hora do surpreendente espectáculo, foi preciso muito trabalho em silêncio, muito estudo, muito cálculo, quase apetece dizer que para o futuro do futuro será preciso estudar matemática e que tudo o mais será retórica, para não dizer fábula. E será preciso entender também que, para o futuro, os povos ricos talvez deixem de ser aqueles que têm minas de carvão, de ferro, ou mesmo de ouro, mas porventura aqueles que dispuserem de mais cérebros, máquinas de pensar, mais gente que estude e trabalhe, mais que trabalhe bem, na perfeição, que saiba o que faz e como faz.

E nós? Nós como será? Pois nós não temos grandes recursos, nem grande experiência, nem grande possibilidade de a ganhar de repente. Não temos meios nem ambições de saltar na estratosfera, de correr o espaço para além do nosso espaço, nem de cavalgar a Lua. Somos gente modesta e pouco ambiciosa. Dedicamo-nos a uns biscates, somos agricultores (ainda). Pois como havemos de fazer? Em primeiro lugar, sermos capazes de fazer na perfeição aquelas coisas, modestas que sejam, que a cada um de nós nos caiba fazer. Cada um esforçar-se pela sua própria perfeição, acreditar nos dons do trabalho e acreditar nos dons do pensamento. E acreditar no futuro, preparar-se para ele, nesse sim, que se desenha sempre na «esquina do nosso próprio caminho».

AUTO MONUMENTAL DO AREIRO, LDA.

AGENCIA OFICIAL

VOLKSWAGEN

CARROS NOVOS e USADOS COM GARANTIA E FACILIDADES DE PAGAMENTO OFICINAS:



AV. PADRE MANUEL DA NÓBREGA, N.º 8, 8-C, 8-D (Ao Areiro) Telef. ex: 727054-727765-713957

ora diga-nos...

— Viu as imagens da Terra e da Lua transmitidas da «Apolo 8»?

«A Terra é redonda. Vi na televisão — dirão amanhã os meninos da escola primária. — (Mário Castrim).



● Carlos Alberto Santos Correia, estudante, declarou-nos:

— Não vi. Sei do que se trata, mas não vi nada.

— Imagens históricas, não...?

— Pois... Não vi, porém. Paciência. Não me vou matar por não ter visto isso...



● Finalmente, disse-nos Maria Fernanda Vieira, estudante também:

— Vi os comenários na TV, mas as imagens da Terra e da Lua não as vi. E tenho pena. Uma pessoa distraída está perguntando aquela pessoa, mas isto, não sei... e, não lá se foi o que se queria ver, o que se queria saber, o que se queria... sei lá! — amar e ter...

● Disse nos Cricante Ferreira Rodrigues, funcionário de seguros:

— Não vi.

— Porquê?

— Nem sei bem... Mas ouvi.

— Ouvi...?

— Ouvi pela rádio. Soube que tudo estava a correr bem, E, deí, descanei.



O GOVERNADOR CIVIL DE LISBOA REUNIU-SE COM OS PRESIDENTES DAS 13 CÂMARAS DO DISTRITO

O novo governador civil de Lisboa, dr. Afonso Mesquita, reuniu-se esta tarde com os presidentes das Câmaras Municipais dos treze concelhos urbanos e rurais do distrito. Neste encontro, a decorrer à hora a que circulações, estão a ser expostos assuntos de natureza política, administrativa e assistencial.

Freguesias dos Concelhos de Lisboa. Nos últimos dias, o sr. Afonso Mesquita tem recebido a visita de muitas individualidades, designadamente, deputados, governadores civis de outros distritos, magistrados, oficiais generais, assim como o presidente da Junta Distrital de Lisboa, eng.º Ribeiro Ferreira, que lhe ofereceu a medalha comemorativa da fundação da Escola Prática de Agricultura de D. Dinis, na Pa'l.



Um aparelho de vibração, em estudo na Alemanha Ocidental, permitirá a crianças surdo-mudas e surdo-cegas aprender a falar. O aparelho, portátil, é constituído por um vibrador, quatro pares de auscultadores, e um pino de chumbo, a clavicula ou a válvula microfone. O pulso, o esterno, a clavícula ou a vértebra superior do pescoço são os pontos onde melhor se pode aplicar o vibrador. Segundo experiências efectuadas em Heidelberg, pelo prof. Klaus Schulte, em 20 indivíduos, as crianças conseguiram, num período relativamente curto, distinguir sons, palavras.

ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE ASMOLOGIA

A fim de tomarem parte na reunião do «Comité Executivo da A.I.A. (Internasa)» chegaram a Lisboa as seguintes individualidades de renome no mundo médico da asmologia: Pierre Zerbil, secretário-geral da Internasa; prof. dr. Max Werner, catedrático de clínica médica da Universidade de Keel; prof. dr. Piero Sana Gargi, catedrático de doenças alérgicas da Universidade de Pavia; dr. Quarles van Ufford, director dos serviços de doenças alérgicas do Hospital Dincomerson de Utreque; prof. dr. Parrenson, especialista de doenças alérgicas da Faculdade de Medicina de Barcelona, acompanhado da esposa.

Hoje na representação da Internasa em Portugal, realizou-se a reunião privada do comité executivo e na qual serão tomadas deliberações acerca da realização em Portugal, em 1969, do VI Congresso Mundial de Asmologia. Amanhã, às 17 horas, no Grémio Literário, realiza-se uma conferência seguida de recepção para as quais foram

MOVIMENTO CONSULAR

A sr.ª D. Marly de Meneses Barbosa Vicente Schoenmakers foi nomeada para o cargo de chanceler do Consulado Geral de Portugal em Antuérpia.

A primeira exposição de ex-libris nacionais e estrangeiros efectuada em Portugal

Em 1927, por iniciativa do magnífico director da Imprensa Nacional de Lisboa, Luís Derouet, um nome fulgurante no jornalismo, realizou-se, em Portugal, a primeira Exposição de Ex-Libris nacional e estrangeira. Recordemo-nos agora, exactamente, na altura em que a sociedade estabelecimento gráfico do Estado completa 200 anos de existência no serviço da Nação, o êxito retumbante que alcançou, êxito esse salientado não só pela Imprensa do nosso País como, também, pela de além-fronteiras. O certo, que foi inaugurado no mesmo organismo em 4 de Outubro, daquele ano, com a assistência do então Chefe do Estado marechal Carmona, membros do Governo, corpo diplomático e outras altas entidades, foi precedido por dezenas de milhares de visitantes que, sem cessar, ali acorreram, durante um mês, o que demonstra bem o interesse excepcional que esse despartem em todas as classes sociais. Nele participaram as bibliotecas e os coleccionadores nacionais, como o conde de Folgosa e do Almarão, Ferreira Lima, Cardoso, Marta, Matias de Lima, Ana Coreta, João de Vilhena, Condes de Mafra e de Suceia, Luciano Ribeiro, Maria Raquel Bandeira de Melo, Salinas Calado e o próprio Luís Derouet, além de muitos estrangeiros.

Viram-se expostos os raros e artísticos ex-libris do Sr. bibliotecário Diogo Barbosa Machado, do Conde de Oeiras ou de seu filho, do Conde de S. Vicente, de Luís de Vasconcelos e do Azareví, dos arcebispos de Évora, D. Simão da Gama e D. Joaquim Xavier Botelho de Lima, do conde e da condessa do Vimeiro, de D. Diogo de Almeida, de D. Francisco de Almeida, de Bartolomeu da Costa, de D. Isabel de Meneses, assinados por gravadores como Clemente Bellinque, Hansway, Bartolomeu Carmona, Queiroz e desenhados por artistas como Vieira Lusitano, Vieira Portuense, Jerónimo de Barros Ferreira e outros.

Estiveram, também, bem representados, por meio de interessantes produções, artistas mais recentes, como António Carneiro, Constantino Fernandes, António Augusto Gonçalves, Alberto Sousa, D. Raquel Gameiro Otólini, Benvidino Celo, Ontónio Lima, Pedro Guedes e Estanislau Silva, bem como os especialistas da Imprensa Nacional-Alfredo de Morais, Narciso de Morais, Filipe Fernandes e Manuel Cordeliro. De alguns dos ex-libris apareceram mesmo os desenhos originais e as respectivas chapas. Não deixaram de figurar os ex-libris manuscritos, entre os quais devemos distinguir o do Marquês de Pombal. Tornaram-se, outrossim, dignos de nota, não só a série numerosa de ex-libris de médicos e a de estrangeiros apresentadas por João de Vilhena, como as valiosas colecções de ex-libris pertencentes ao Conde de Almarão e ao dr. Perry Vidal. Além de muitas outras manifestações de apreço, a exposição teve o aplauso da Sociedade Nacional das Belas-Artes de Lisboa, do Grupo Silva Porto, da Escola de Belas Artes do Porto e das Associações de Classe dos Músicos e dos Livreiros Portugueses. Viveu-se, então, um épico esplendoroso do Ex-Libris em Portugal. Daí resultou que não foram poucas as pessoas que, na altura, contagiadas pelo momento eufórico que se manifestava, mandaram confeccionar as marcas de posse dos seus livros. Assim, os artistas — desenhadores e gravadores — tiveram oportunidade de dar largas ao seu génio criador, contribuindo, dessa maneira, para o engrandecimento da arte. Está nesse caso, num modo especial e muito justo, o falecido desenhista



Luís Derouet, com um grupo de convidados, no dia em que a exposição foi visitada por artistas

António Lima, produtor de trabalhos maravilhosos, cuja colecção pertence, presentemente, à Fundação Calouste Gulbenkian.

Dois anos após o notável certame, veio o público o respectivo catálogo, obra de requintado gosto artístico e de grande interesse, que é devida, muito particularmente, a João Rosa, chefe da Revisão do mesmo estabelecimento e apreciado escritor, e que ficou a marcar, para a posteridade, tão grandioso acontecimento.

Passados tempos, porém, e sem se saber bem porquê, começaram a aparecer sinais, hoje bastante acentuados, de que o interesse injustificável, que nem, como não podia deixar de ser, desvalorizar a árvore frondosa da semente que em tão boa hora se lançou no campo do ex-libris do nosso País.

Está-se, assim, a bem dizer, a perder o gosto por uma manifestação de arte e cultura que foi outrora, e agora

se esclarece que é uma marca de posse, geralmente artística, destinada a assinalar e a garantir a propriedade de livros. O seu uso é comum e extensivo a todas as bibliotecas e a todos quantos possuem livros. Todos os processos gráficos e gráficos são utilizados na sua confecção. — A. P.

Concurso de cartazes para a Queima das Fitas em Coimbra

COIMBRA, 27 — Está aberto o concurso de cartazes para a Queima das Fitas de 1969. O prazo da entrega dos trabalhos para o cartaz prático termina no dia 30 de Janeiro e os referentes ao cartaz de muralista, no dia 31 do mesmo mês. O regulamento será enviado aos interessados que o adquirirem à Comissão de Propaganda.

EDUCAÇÃO: O MAIS IMPORTANTE PROBLEMA

(Continuação da pág. anterior)

primário complementar continua-se, a partir do entendimento já conseguido, a desenvolver a possibilidade de explicação, depois desta a possibilidade de compreensão e, finalmente, a capacidade de interpretação. Entender para explicar; explicar para compreender; compreender para interpretar: são os moldes sucessivos que a preparação escolar deve procurar aos seus alunos. Outros termos descrever para bem exprimir; bem

exprimir para melhor reflectir; reflectir para melhor analisar e, finalmente, conseguir a síntese num todo unitário que é propriamente a função da cultura. Não sabemos se claramente tal se pretende, julgamos que não. As disciplinas ensinam-se pelo seu conteúdo e quase nunca pela sua função, algumas delas têm a mesma função que pertence a outras e há casos evidentes de duplicação inútil que apenas têm como consequência sobrecarregar sem desenvolver a memória dos escolares.

E, voltando ao nosso ponto de vista, tudo isto resulta da falta de um plano de estudos em correlação com o desenvolvimento psicogenético e em correlação com as fases sucessivas da evolução do pensamento lógico e da imaginação das crianças. De maneira incisiva, mas sem tirar a verdade, a escola não está servindo a criança, mas servindo-se da criança para fins não só pouco claros e menos convenientes mas também totalmente errados.

DELFIN SANTOS